

## I CONCURSO LITERÁRIO DE CRÔNICAS: “É PRECISO SABER VIVER”

## ANEXO II – FORMULÁRIO PARA TEXTO

### TÍTULO: Coexistir

Li em algum lugar que, quando morremos, nos encontramos com a pessoa que poderíamos ter sido. Meu café esfriou antes que eu pudesse digerir essa frase, imagine se eu terminasse de refletir sobre o verbo “ser”, ou melhor, sobre o que o seu futuro do pretérito diria ao pretérito perfeito. Obviamente me atrasei.

Passei o dia pensando no meu estado de permanência, tal qual o dos verbos “ser” e “viver”, até me lembrar que a vida exige ação. Sorrir, chorar, cantarolar, contemplar, extravasar, silenciar, sofrer, amar. Quantas ações cabem na vida? Que ilusão querer ser permanente, como se viver coubesse em um manual de instruções.

Eu sou, eu estou ou eu me tornei? Viver, na verdade, é coexistir, já que a permanência não se sustenta numa existência que exige ação. Ninguém é feliz ou triste, e sim está feliz ou triste. No fundo, a coexistência requer a transitoriedade das ações, porque se nem a vida é infinita, que prepotência a minha querer que um estado de espírito seja.

Cheguei à conclusão que não estava preparado para aquele encontro, até que um pensamento inicialmente sutil me atingiu como um meteoro, trazendo à consciência o fato mais importante de todos: ainda me resta o privilégio de conhecer quem sou e ponderar sobre quem posso ser.

Longe de mim compreender toda a teoria que envolve a física, mas a vida mostra na prática que sair da inércia é o que demanda uma força maior. Assim, se a ação é fundamental, viver de ilusão não é viver, afinal, o que seria a ilusão senão uma ação não vivida?

Quantas ações, incertezas e transitoriedades! Eu que passei a vida tentando resistir aos livros de autoajuda me deparo com o clichê que move a humanidade: se o tal manual de instruções existisse, qual seria a graça de viver? Um caminho sem pedras não propiciaria a genialidade de criar sapatos.

O encontro da pessoa que eu fui com a que eu poderia ter me tornado não pode ser marcado pelo arrependimento de ter sido apenas espectador da minha vida. No entanto, é árduo admitir que o protagonismo não me permitiria sair ileso, uma vez que a autorresponsabilidade não subsiste sem que certos espinhos floresçam. No mundo das impermanências, talvez saiba viver aquele que tem a coragem de fazer escolhas.

Cachoeiro de Itapemirim – ES, 14 de outubro de 2022.